

## A Fria Crueldade dos Linces

*Nuno Serras Pereira*

14. 04. 2008

Por altura da revolução de Abril e dos anos imediatos era costume, perante os desmandos insensatos de tantos políticos e militares, ouvir a gente considerada de bom senso reconhecer os erros mas como se se trataram tão-somente de parvoíceadas ou lorpices. Por isso, mal se comentava uma tropelia logo, como um estribilho, se repetia que o ou os fulanos por ela responsáveis eram bem-intencionados. De um modo geral considerava-se que todos eram dotados de corações bons, generosos, magnânimos, excepto, é claro, os que barafustavam contra eles chamando a atenção, inclusive, com documentos do que se tinha passado em outros países e com escritos dos ideólogos dos actuais revolucionários desmascarando os seus intentos. A acusação habitual era a de falta de caridade. Foi assim, por exemplo, que me foi cortada a palavra por um sacerdote do Porto, durante um debate na Rádio Renascença, e retirada até ao fim do programa, por outro de Lisboa que moderava essa mesma mesa redonda; também na transmissão do Terço pela RR, orientada por um grupo de jovens que eu então liderava, me foi expressamente proibido de incluir qualquer frase dos Papas que condenasse ou criticasse o marxismo ou o comunismo; numa reunião dos “Cursilhos de Cristandade” também me foi vedado por um outro sacerdote de distribuir um panfleto com diversas citações de ideólogos de várias proveniências e as respectivas condenações pelo Magistério da Igreja; aquando da minha actividade de jornalista tive um artigo censurado em várias frases, um outro que nenhum jornal aceitou publicar (limitava-se a denunciar as torturas cometidas pela Polícia Militar) e um outro por que fui julgado e condenado.

Quando a dor lancinante e a mágoa sem fim dos retornados de Angola era verbalizada logo alguém se apressava para condenar o excesso na linguagem, como os “amigos” de Job - de que nos fala a Sagrada Escritura, acrescentando tormentos ao sofrimento dos que eram por todos desamparados. Assim os fomos encontrar, nesses idos, vivendo no chão do aeroporto, à vista indiferente de todos, tendo por cama algumas parcas mantas, por divisórias de seus “apartamentos” umas poucas malas, por alimento uns breves nacos de pão e às vezes uma pouca de leite. Vimos o olhar triste e sem vivacidade das crianças, tivemos abraçados a nós, soluçando convulsivamente, homens maduros e rijos. Éramos novos, muito poucos, não tínhamos dinheiro, mas resolvemos alimentá-los decentemente até que lhes fosse arranjada uma solução. E como a Providência não abandona aqueles que n’ Ela confiam conseguimos o nosso objectivo nutrindo-lhes o corpo e a alma.

O sempre sorridente, simpático e fotogénico vice-almirante Rosa Coutinho, Alto-Comissário em Angola, um dos tais “bem-intencionados”, em Dezembro de 1974, escreveu o seguinte ao então Presidente do MPLA, Agostinho Neto, futuro presidente da República: “Após a última reunião secreta que tivemos com os camaradas do PCP, resolvemos aconselhar-vos a dar execução imediata à segunda fase do plano. Não dizia Fanon que o complexo de inferioridade só se vence matando o colonizador? Camarada Agostinho Neto, dá, por isso, instruções secretas aos militantes do MPLA para aterrorizarem por todos os meios os brancos, matando, pilhando e incendiando, a fim de provocar a sua debandada de Angola. Sede cruéis sobretudo com as crianças, as

mulheres e os velhos para desanimar os mais corajosos. Tão arreigados estão à terra esses cães exploradores brancos que só o terror os fará fugir. A FNLA e a UNITA deixarão assim de contar com o apoio dos brancos, de seus capitais e da sua experiência militar. Desenraízem-nos de tal maneira que com a queda dos brancos se arruíne toda a estrutura capitalista e se possa instaurar a nova sociedade socialista ou pelo menos se dificulte a reconstrução daquela”. Um fac-símile desta carta pode ser visto num livro altamente revelador que todos aproveitariam muito em ler: Américo Cardoso Botelho, *Holocausto em Angola - memórias de entre o cárcere e o cemitério*, Nova Veja e Autor, 2ª, pp. 611, Lisboa 2008.

Este exemplo, entre tantos outros que se podiam dar, mostra claramente que aquela gente via muito bem o que estava a fazer, sabia qual o resultado das suas acções e estava inteiramente consciente do que pretendia alcançar. Publicamente proclamavam o seu amor à humanidade, entoavam hinos à justiça, cantavam fraternidades, pintavam o mundo melhor; às ocultas, perversa e maliciosamente, partilhavam a sua aversão e o seu ódio letal, preparando divisões, discórdias, matanças genocídios.

Eles, como o lince, viam muitíssimo bem (Este exemplo do lince colhi-o nos sermões do P. António Vieira que a ele se refere quando se refere a uma vista aguda e excelente – por exemplo, diz que o invejoso tem olhos de lince porque ninguém como ele vê tão bem os bens daquele que inveja).

Mas lince são também muitos dos que propugnam a contracepção, o aborto, a eutanásia, o divórcio, a dissolução da família. São simpáticos, sorridentes, mediáticos, invocam sempre o bem das pessoas, da família, da sociedade, mas vêem muitíssimo bem o que estão a fazer, que o resultado das suas acções, que os objectivos que querem alcançar são exactamente o contrário do que proclamam publicamente.

Mais concretamente, o Projecto-Lei de *Alterações ao Regime Jurídico do Divórcio* que o Partido Socialista agendou potestativamente para o dia 16 na Assembleia da República constitui uma verdadeira insurreição com o objectivo de subverter, minar e destruir o casamento e a família, excedendo em extremismo a revolução de Zapatero na Espanha.